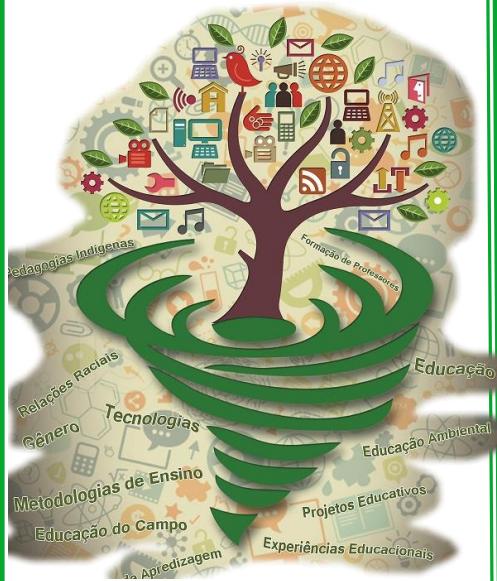


Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE A TEORIA
DO DESENVOLVIMENTO DESIGUAL (E
COMBINADO) E SUA PRESENÇA EM N. SMITH
E D. HARVEY

Introductory notes on the theory of uneven (and
combined) development and its presence in N.
Smith and D. Harvey

Notas introductorias sobre la teoría del desarrollo
desigual (y combinado) y su presencia en N.
Smith y D. Harvey

Leônidas de Santana Marques

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Professor Associado da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6714-4039>
E-mail: leonidas.marques@delmiro.ufal.br

Como citar este artigo:

MARQUES, L. de S. Notas introdutórias sobre a teoria do desenvolvimento desigual (e combinado) e sua presença em N. Smith e D. Harvey. **Revista de Comunicação Científica: RCC**, Jan/Abr., Vol. 5, n. 18, p. 04-16, 2025.

Volume 5, número 18 (2025)
ISSN 2525-670X



NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE A TEORIA DO DESENVOLVIMENTO DESIGUAL (E COMBINADO) E SUA PRESENÇA EM N. SMITH E D. HARVEY

Introductory notes on the theory of uneven (and combined) development and its presence in N. Smith and D. Harvey

Notas introductorias sobre la teoría del desarrollo desigual (y combinado) y su presencia en N. Smith y D. Harvey

Resumo

Quando consideramos a presença de conceitos e teorias de base marxista na Geografia acadêmica, destacamos algumas que se notabilizam pelo seu potencial analítico no desvelamento das contradições capitalista em diferentes escalas. Dentre estas, damos ênfase neste artigo à teoria do desenvolvimento desigual e combinado. Nossa objetivo aqui é discutir sobre o desenvolvimento desigual (e combinado) como teoria explicativa dentro do campo da ciência geográfica, apontando aspectos gerais sobre esta leitura do desenvolvimento das relações capitalistas. Enquanto procedimento metodológico, o texto valeu-se de levantamentos em dois momentos: a) autores fundamentando a teoria do desenvolvimento desigual (e combinado) de modo geral; e b) autores da Geografia acadêmica que lidam com esse constructo teórico.

Palavras-chaves: Desenvolvimento desigual; Teoria da Geografia; Desenvolvimento geográfico desigual.

Abstract

When we consider the presence of Marxist-based concepts and theories in academic geography, we highlight some that stand out for their analytical potential in unveiling capitalist contradictions at different scales. Among these, we emphasize in this article the theory of uneven and combined development. Our objective here is to discuss uneven (and combined) development as an explanatory theory within the field of geographic science, pointing out general aspects of this reading of the development of capitalist relations. As a methodological procedure, this text used a bibliographic survey in two moments: a) authors who support the theory of uneven (and combined) development in general; and b) authors in academic geography who deal with this theoretical construct.

Keywords: Unequal development; Theory of geography; Unequal geographic development

Resumen

Al considerar la presencia de conceptos y teorías de base marxista en la geografía académica, destacamos algunos que destacan por su potencial analítico para revelar las contradicciones capitalistas a diferentes escalas. Entre ellos, destacamos en este artículo la teoría del desarrollo desigual y combinado. Nuestro objetivo es discutir el desarrollo desigual (y combinado) como teoría explicativa dentro del campo de la ciencia geográfica, señalando aspectos generales de esta interpretación del desarrollo de las relaciones capitalistas. Como procedimiento metodológico, este texto utilizó una revisión bibliográfica en dos momentos: a) autores que sustentan la teoría del desarrollo desigual (y combinado) en general; y b) autores de geografía académica que abordan este constructo teórico.

Palabras clave: Desarrollo desigual; Teoría de la geografía; Desarrollo geográfico desigual.



Introdução

Ao longo de todo o século XX, presenciamos mundialmente variados processos que transformaram de modo profundo a organização dos Estados nacionais. A primeira e a segunda guerras mundiais, a guerra fria e as mais diferentes revoluções são exemplos de como este século construiu bases históricas complexas para o século XXI. Neste sentido, a análise geográfica se coloca criticamente nestes processos, e vários foram os intelectuais que seguiram este intento.

Assim, a proposta deste texto caminha para uma reflexão sobre uma das teorias surgidas no século XX que nos ajudam a compreender a geografia mundial deste período, mas que também continua sendo atual para a análise das diferentes conjunturas nacionais em uma leitura totalizante e multiescalar. O objetivo deste texto é discutir sobre o desenvolvimento desigual (e combinado) como teoria explicativa dentro do campo da ciência geográfica, apontando aspectos gerais sobre esta leitura de desenvolvimento. A escolha por colocar “combinado” entre parênteses se dá justamente pela compreensão que temos que a Geografia acadêmica ainda precisa se aprofundar sobremodo nesta dimensão da teoria.

Para a construção deste artigo, consideramos a revisão bibliográfica de alguns dos principais autores que iniciaram a elaboração teórica sobre o desenvolvimento desigual e combinado (Trotsky, 1977; Novack, 1988). A partir disso, relacionamos esta teoria com outros autores que, a partir da segunda metade do século XX, reafirmaram a construção teórica (Löwy, 1998) ou mesmo a direcionaram, indiretamente, para o campo específico da geografia (Smith, 1988; Harvey, 2013, 2016). Este trabalho é um dos esforços reflexivos que temos conduzido sobre o entendimento dos processos de recepção e apropriação da teoria do desenvolvimento desigual e combinado pela Geografia acadêmica no Brasil. Parte dessas reflexões pode ser encontrada em outras publicações nossas (Marques, 2022, 2023), além de outros textos que ainda serão publicados.

Tratam-se de notas introdutórias de uma investigação em andamento e que tem trazido reflexões em diferentes publicações, como apontado ao longo do artigo.



Bases históricas e conceituais da teoria do desenvolvimento desigual e combinado

As primeiras reflexões sobre a sociedade enquanto uma organização que apresenta diferenciações surge ainda durante a Grécia Clássica, onde diferentes intelectuais se debruçaram sobre a realidade material apontando assimetrias diversas. Neste sentido é interessante pontuar que há toda uma produção histórica que pontua a necessidade de pensarmos sobre essas assimetrias. Coggiola (2004) aborda esta questão colocando que o filósofo Tucídides, analisando comparativamente a Grécia e os chamados povos bárbaros, indica as disparidades sociais. Contudo, será após o período a primeira revolução industrial e com a intensificação do modo capitalista de produção que as assimetrias sociais ficaram mais evidentes, com reflexos diretos em diferenças geográficas no processo de produção contraditória do espaço.

No contexto de acirramento do capitalismo no século XIX, outros intelectuais se debruçaram sobre a realidade dessas assimetrias, compreendendo-as como um processo articulado de produção de desigualdades em diferentes dimensões (históricas, sociais, econômicas, espaciais etc.). Assim, estavam estabelecidos alguns dos alicerces da lei do desenvolvimento desigual e combinado, que tiveram maior relevo a partir das interpretações dialéticas de K. Marx e F. Engels, derivadas da filosofia hegeliana. “Hegel utilizou a lei em suas obras sobre a história universal e a história da filosofia, porém sem lhe dar um nome especial nem reconhecimento específico” (Novack, 1988, p. 11).

Na viragem do século XIX para o XX, com a intensificação da internacionalização do capital e consolidação do seu caráter imperialista, V. Lenin aponta algumas considerações sobre o processo contraditório de desenvolvimento social da Rússia, como forma de compreender as contradições deste Estado nacional no contexto pré-revolucionário. Neste sentido, sua leitura sobre o desenvolvimento desigual das classes sociais deste país foi precursora para a construção teórica da lei do desenvolvimento desigual e combinado de L. Trotsky. Este autor apresenta diferentes obras no primeiro quartel do século XX, e em várias delas traz o debate sobre a conjuntura política e econômica de países periféricos, com destaque para os que vivenciavam processos revolucionários, caso da China (Demier, 2007). Não



obstante, a construção conceitual mais elaborada sobre o desenvolvimento desigual e combinado aparece no livro *A história da Revolução Russa*.

O desenvolvimento de uma nação historicamente atrasada conduz, necessariamente, a uma combinação original das diversas fases do *processus histórico*. A órbita descrita toma, em seu conjunto, um caráter irregular, complexo, combinado [...] A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do *processus histórico*, evidencia-se com maior vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de denominação apropriada, chamaremos de lei do desenvolvimento combinado, que significa aproximação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das formas arcaicas com as mais modernas. Sem esta lei, tomada, bem entendido, em todo o seu conjunto material, é impossível compreender a história da Rússia, como em geral a de todos os países chamados à civilização em segunda, terceira ou décima linha (Trotsky, 1977, p. 25, itálico no original).

Neste fragmento, fica evidente como a leitura de Trotsky expressa a relação que se estabelece entre os dois pilares da elaboração teórica: o caráter desigual do processo somado ao caráter combinado/contraditório do desenvolvimento. Este esforço interpretativo de Trotsky caminha na direção de perceber que o desenvolvimento dos Estados nacionais, a partir do exemplo russo, não acontece a partir de ações fortuitas e aleatórias, mas condicionadas pelos determinantes históricos. Assim, do ponto de vista geográfico, a totalidade do processo de formação territorial dos Estados nacionais, marcada pela desigualdade do modo capitalista de produção, determina a produção contemporânea do espaço, através de uma combinação destes determinantes que convergem em associações entre formas arcaicas e o que há de mais moderno.

Assim, conforme discutido por Löwy (1998), Trotsky supera a leitura de Lenin sobre o capitalismo na Rússia, ao considerá-la sob o ângulo da inserção desta economia no modo capitalista de produção. Assim, na visão de Trotsky, a formação social russa é “tomada como um subconjunto periférico do capitalismo mundial, que formava, de forma determinante, sua estrutura econômica e social” (Löwy, 1998, p. 74). Partindo deste ponto, consideramos que a análise do desenvolvimento desigual e combinado se associa ao conceito de divisão internacional do trabalho,



compreendendo que os processos internos de desenvolvimento dos Estados nacionais não estão isolados das dinâmicas que se processam globalmente.

Considerando estes pontos, compreendemos que a teoria do desenvolvimento desigual e combinado é um constructo que associa três conceitos que podem ser, analiticamente, compreendidos: desigualdade, combinação e desenvolvimento. Quanto a este primeiro, ponderamos que, ao longo da história humana, temos como marca o processo de produção de assimetrias diversas: sociais, econômicas, territoriais etc.

Desde os povos originários, presenciamos distintas formas de organização social, diferentes formas de relação sociedade-natureza, mesmo com todas as similitudes. Contudo, quando pensamos no desenvolvimento desigual e combinado, tratamos de algo que vai muito além da diferença, mas da produção das desigualdades. O modo capitalista de produção é o período da história humana em que há um acirramento das mais diversas desigualdades, com a produção de extremos de miséria e riqueza sem precedentes. Assim, o desenvolvimento desigual e combinado trata das desigualdades que, mesmo derivadas de diferenças que são pretéritas, ganham distinção quantitativa e qualitativa.

As desigualdades, por sua vez, são a base para o segundo conceito presente neste constructo: a combinação. A história humana também é marcada por combinações, que são a fusão de assimetrias em diferentes contextos histórico-geográficos. Talvez o principal exemplo de combinação ocorre quando consideramos o contato de diferentes civilizações, com distintos graus de acesso a tecnologias e recursos. Podemos citar como exemplo o contato entre um povo que não conhece a técnica de plantio com arado e outro que já a conheça.

Essa relação implicará em uma combinação de graus diferenciados de uso da terra, que podem gerar transformações em toda a organização social dos povos envolvidos. Não obstante, no capitalismo a combinação se estabelece de modo a reproduzir a lógica da acumulação e, com o intenso processo de internacionalização do capital, identificamos que a combinação se apresenta de modo extremamente perverso, amalgamando desigualdades e fundindo o arcaico e o moderno como condição para a manutenção da sociabilidade da extração de mais valor.



Como terceiro e principal conceito, que amarra a desigualdade e a combinação, temos o desenvolvimento. Segundo a lógica dialética, é imprescindível compreendermos a realidade concreta como processo, constantemente em transformação. Assim, compreender o conceito de desenvolvimento é considerar que o constante processo de produção do espaço está atravessado por um desenvolvimento que, no contexto do capitalismo, é desigual e combinado. Toda forma de desenvolvimento que se estabelece visa objetivos, não necessariamente explícitos.

Assim, o desenvolvimento desigual e combinado deve ser compreendido como um processo que é, social e teleologicamente, estabelecido como para dar condições materiais para o regime de acumulação. Este constructo teórico é uma interpretação do movimento do real, que pode ser apreendido por diferentes campos do conhecimento científico, tendo na Geografia um importante papel para a compreensão da divisão territorial do trabalho e do desenvolvimento dos Estados nacionais.

Desde os escritos de Trotsky até os demais intelectuais que aprofundaram o debate sobre o desenvolvimento desigual e combinado, fica clara a centralidade desta teoria para analisarmos as relações imperialistas que o capital implementa em todo o globo. Como apontado por Löwy (1998), há uma específica atenção desta teoria com o desenvolvimento dos países de economia periférica, nos quais a relação entre desigualdade e combinação são ainda mais evidentes. Considerando uma análise escalar, ainda é importante frisar a relação que se estabelece entre o local e o global. O caráter combinado da teoria compreende também uma combinação entre processos que ocorrem em nível local/subnacional (a exemplo da organização social de elites regionais) e em nível global (a exemplo dos avanços tecnológicos). O caso do agronegócio brasileiro se apresenta exatamente neste sentido, a partir de um amalgamento entre o atraso representado pelo latifúndio secular e o avanço representado pela agricultura científica mundializada. Assim, a Geografia tem no desenvolvimento desigual e combinado um importante aporte analítico, que vem sendo, direta e/ou indiretamente, discutido na ciência do espaço.



O debate geográfico sobre o desenvolvimento desigual (e combinado)

Desde o seu surgimento como ciência moderna, a Geografia tem se debruçado sobre uma análise espacial que considera homogeneidades e heterogeneidades na organização territorial. Traçar parâmetros comparativos e estabelecer nexos sempre foram ações presentes na instituição da Geografia a partir do século XIX. Assim, os fundamentos da teoria do desenvolvimento desigual e combinado foram, em certa medida, incorporados no debate da análise espacial, sobretudo nos estudos regionais, quando estes foram pautados a partir de uma interpretação crítica do desenvolvimento e da organização dos diferentes Estados nacionais.

Contudo, ao longo do século XX, ponderamos que esta incorporação aparece de modo muito limitado quando consideramos a teoria *stricto sensu*, ou seja, mesmo reconhecendo a presença das bases desta teoria nos estudos críticos de Geografia, a menção direta ao desenvolvimento desigual e combinado se apresenta de forma limitada ou incompleta. Como temos argumentado (Marques, 2022), há uma presença mais frequente de leituras que tratam da teoria do desenvolvimento desigual (que não dão centralidade à dimensão da combinação). Mas antes de introduzirmos esta questão, vale ressaltar como o debate sobre a diferenciação de áreas está colocado na Geografia moderna do século XX.

A associação entre a Geografia moderna e a noção de diferenciação de áreas está presente desde o século XIX nos estudos de A. Humboldt e K. Ritter. Como apontado por Moreira (2015), a Geografia comparada de Ritter já apresenta bases interpretativas para a compreensão da realidade a partir da classificação em padrões de homogeneidade através de heterogeneidades.

Não obstante, será com R. Hartshorne em meados do século XX que a Geografia terá uma maior problematização epistemológica sobre sua natureza científica à luz do debate sobre a diferenciação de áreas. Fundamentado nos estudos de A. Hettner, Hartshorne comprehende que a variação espacial é um dos principais pontos a serem considerados como pressuposto na análise geográfica. A relação entre similaridades e distinções estabelece uma organização diferencial que é a base sobre a qual se estabelece a Geografia enquanto ciência (Moreira, 2015). Assim, comprehende-se a formação distinta de áreas que se intercomunicam e

[...] há relações entre áreas porque há diferenciação. Daí a importância do conceito de variação espacial, de igual importância ao de diferenciação, que confere conteúdos explícitos às áreas, implica relações mútuas e significa interação entre elas. No entanto, tudo referenda o pressuposto prévio da diferença. Até porque é importante perceber que ambas as expressões – diferenciação de áreas e relações entre áreas – se abrigam no conceito maior de variação, sem o que a diferenciação de áreas não se forma e não é possível a interação (Moreira, 2015, p. 128).

Com esta discussão, compreendemos que a leitura sobre a diferenciação areal está presente no pensamento geográfico há décadas. Esta concepção espacial comprehende a superfície terrestre por meio do estudo corológico e a Geografia se afirma como ciência da heterogeneidade. Assim, quando nos referimos ao desenvolvimento desigual e combinado, fica clara a relação entre este e a compreensão diferencial.

Mas ponderações são necessárias: a) há uma distinção imprescindível entre o caráter diferencial de Hartshorne e o caráter desigual de Trotsky; b) a leitura da diferenciação de áreas da Geografia clássica desconsidera a lógica dialética, o que implica numa concepção espacial nula de processualidade e contradições. Neste sentido, apontamos o debate de diferenciação de áreas Hartshorne como um esforço teórico importante, mas que não avança no debate complexo trazido pelas teorias marxistas do desenvolvimento desigual. Isto só poderá ser visto com maior densidade nas obras de N. Smith e D. Harvey.

No livro “Desenvolvimento desigual”, N. Smith tem como propósito pensar sobre uma teoria geográfica do desenvolvimento que considere as contradições que ficam evidentes no modo capitalista de produção. Assim, analisa a produção da natureza e a produção do espaço como condições para interpretar a geografia do capitalismo. Neste contexto, o autor ressalta um dos principais pontos que sustentam o modo contraditório do desenvolvimento capitalista: a desigualdade. Smith (1988, p. 151) indica que “a desigualdade espacial não tem sentido algum, exceto como parte de um todo que é o desenvolvimento contraditório do capitalismo”. O modo capitalista de produção se desenvolve numa base material já diferenciada, mas, a partir desta base, se consolida pela reprodução de relações sociais que acirram as diferenças como desigualdades. Estas são nítidas na paisagem e revelam um processo contraditório em que

[...] as tendências contraditórias para a diferenciação e para a igualização determinam a produção capitalista do espaço. Em ação, essa contradição que surge no âmago do modo de produção capitalista inscreve-se na paisagem como o padrão existente de desenvolvimento desigual (Smith, 1988, p. 151).

Quanto à tendência à igualização, fica evidente o processo universal de territorialização do capital, que implica na transformação de todas as relações sociais, econômicas, culturais etc., segundo a lógica da reprodução capitalista. Tudo tende a virar mercadoria, e quanto à produção do espaço presenciamos um processo dialético de produção social com apropriação privada. Mas a tendência à igualização se estabelece sobre bases diferenciadas que, em vez de serem anuladas, são incorporadas à dinâmica do valor. “O desenvolvimento desigual é, no mínimo, a expressão geográfica das contradições do capital. A fixação geográfica do valor de uso e a fluidez do valor de troca traduzem-se nas tendências para a diferenciação e para a igualização” (Smith, 1988, p. 217).

Compreender o desenvolvimento desigual como dimensão geográfica das contradições inerentes à reprodutibilidade do capitalismo implica em considerarmos como as relações sociais do modo de produção se apresentam nos mais diferenciados contextos territoriais. Neste debate está inserido D. Harvey, que dialoga epistemologicamente com N. Smith e traz importantes desdobramentos da teoria do desenvolvimento desigual para o interior da Geografia.

No mesmo sentido de apontar a contradição entre a tendência ao universalismo das formas de reprodução capitalista e a produção desigual do espaço, Harvey argumenta que esta relação contraditória sustenta a expansão territorial do capital ao mesmo tempo em que agudiza processualmente a intensidade de sua crise. “Portanto, é importante reconhecer que a coerência territorial e regional, pelo menos parcialmente discernível dentro do capitalismo, é ativamente produzida em vez de passivamente recebida como uma concessão à ‘natureza’ ou à ‘história’.” (Harvey, 2013, p. 527). Assim, compreender a produção capitalista do espaço implica na leitura do desenvolvimento geográfico desigual como fundamento. E, eivado de contradições, a economia capitalista imprime uma organização espacial que tem como

marca um desenvolvimento que acirra as desigualdades a partir da superação dialética de desigualdades pretéritas.

O resultado disso é que o desenvolvimento da economia de espaço do capitalismo está cercado de tendências contrapostas e contraditórias. As barreiras espaciais e as distinções regionais precisam ser derrubadas. Mas os meios para atingir esse objetivo envolvem a produção de novas diferenciações geográficas que criam novas barreiras espaciais a serem superadas. A organização geográfica do capitalismo internaliza as contradições dentro da forma de valor (Harvey, 2013, p. 528).

Deste modo, o capital reforça as diferenças já existentes na organização espacial, num processo que envolve superações, eliminações, intensificações e reordenamentos. A complexidade deste processo se revela na produção daquilo que é comumente denominado de 'regiões atrasadas', ou 'polos de crescimento'. Em publicação mais recente, Harvey (2016) traz o desenvolvimento geográfico desigual como uma das contradições estruturantes do modo capitalista de produção. Assim, tanto sua dinâmica incontrolável como as possibilidades de sua superação estão associadas ao desenvolvimento geográfico desigual – bem como a outras contradições.

Periodicamente, o capital tem de romper com os limites impostos pelo mundo que ele próprio construiu, ou corre o risco mortal de se esclerosar. Em suma, a construção de uma paisagem geográfica favorável à acumulação de capital em uma era torna-se o grilhão da acumulação na próxima. O capital, portanto, tem de desvalorizar boa parte do capital fixo na paisagem geográfica vigente para construir uma paisagem totalmente nova, com uma imagem diferente. Isso desencadeia crises locais intensas e destrutivas. [...] O princípio aqui é o seguinte: o capital cria uma paisagem geográfica que satisfaz suas necessidades em determinado momento, apenas para destruí-la em outro e facilitar uma nova expansão e transformação qualitativa. O capital desencadeia as formas de 'destruição criativa' sobre a terra (Harvey, 2016, p. 146).

Essa natureza criadora-destruidora do capital, ou destruição criativa nos termos de Harvey, está diretamente associada ao desenvolvimento geográfico desigual. Na verdade, o próprio fundamento do desenvolvimento sob a égide do capital tem como lastro a destruição, que é condição para a superação circunstancial da crise estrutural.

O modo capitalista de produção necessita criar-destruir simultânea e conjugadamente para que sua lógica de acumulação incontrolável não cesse.

Do ponto de vista espacial, a natureza criadora-destruidora associada ao desenvolvimento geográfico desigual se estabelece a partir de “ajustes spaçotemporais” (Harvey, 2016). Esta concepção de ajuste deve ser interpretada tanto como o ajuste que o capital necessariamente faz para territorializar-se como também à ideia de que ajustes são feitos nestas territorializações para que sejam superadas as crises de superacumulação.

O que deve ser chamada a atenção é que, em que pese a importante contribuição tanto de N. Smith quanto de D. Harvey acerca de uma leitura geográfica do desenvolvimento desigual das relações capitalistas, a dimensão combinada do desenvolvimento desigual é pouco trabalhada por esses autores. Essa espécie de lacuna, dada sua importância para os estudos espaciais, deve ser alvo de investigação e aprofundamento do ponto de vista do rigor teórico-conceitual que um aporte desta natureza pode apresentar para uma análise geográfica à luz dos fundamentos marxistas.

Considerações finais

O debate sobre a relação entre homogeneidades e heterogeneidades regionais na organização do espaço geográfico tem se apresentado ao longo do século XX. Mas o debate crítico sobre o desenvolvimento desigual, inserido principalmente a partir das contribuições de N. Smith e D. Harvey, trazem outro caráter para esta relação. Mais do que diferenças, importa para a Geografia analisar as desigualdades presentes no processo de produção capitalista do espaço. Essas desigualdades, por sua vez, se desenvolvem de modo combinado, associando condicionantes arcaicos e modernos na produção espacial. E esse ponto ainda carece de maior aprofundamento no interior do debate teórico-conceitual da Geografia acadêmica.

A compreensão do desenvolvimento dos Estados nacionais através da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, notadamente em casos como o do Brasil, é um caminho analítico para compreendermos as diferentes facetas do capitalismo no século XXI. Esta teoria, situada por meio da divisão internacional do trabalho, se mostra como uma abordagem interpretativa ainda pouco utilizada na Geografia, muito



embora um significativo potencial analítico para entendermos a geografia econômica e política mundial.

Referências Bibliográficas

- COGGIOLA, O. Trótsky e a lei do desenvolvimento desigual e combinado. **Novos Rumos**, Ano 19, n. 42, p. 4-23, 2004.
- DEMIER, F. A lei do desenvolvimento desigual e combinado de León Trotsky e a intelectualidade brasileira. **Outubro**, n. 16, p. 75-107, jul/dez 2007.
- HARVEY, D. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- HARVEY, D. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- LÖWY, M. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. **Outubro**, São Paulo, n. 1, p. 73-80, 1998.
- MARQUES, L. de S. **Caminhos da recepção intelectual da teoria do desenvolvimento desigual e combinado pela Geografia no Brasil**. 2022. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.
- MARQUES, L. de S. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado na Geografia no Brasil: fontes e lugares de produção. **GeoNordeste**, São Cristóvão (SE), Ano XXXIV, n. 1. Jan.-Jun., 2023. p. 72-89.
- MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro**: as matrizes clássicas originárias. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015. (Primeiro volume)
- NOVACK, G. **A lei do desenvolvimento desigual e combinado da sociedade**. São Paulo: Rabisco, 1988.
- SMITH, N. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e a produção de espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- TROTSKY, L. **A história da revolução russa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. (Primeiro volume)

Recebido: 05/04/2025

Aprovado: 20/04/2025

Publicado: 30/04/2025

